

# ***cadernos da fototeca*** 3

Coordenação

Francisco Roque de Oliveira

## **Francisco Tenreiro, geógrafo** **Fotografias da ilha de São Tomé** **(1956-1957)**



Centro de Estudos Geográficos da Universidade de Lisboa

Coordenação

Francisco Roque de Oliveira

**Francisco Tenreiro, geógrafo**  
**Fotografias da ilha de São Tomé**  
**(1956-1957)**

Lisboa, 2025

Centro de Estudos Geográficos da Universidade de Lisboa

**Título** Francisco Tenreiro, geógrafo: fotografias da ilha de São Tomé (1956-1957)

**Coordenação da edição** Francisco Roque de Oliveira

**Coleção** Cadernos da Fototeca

**N.º da coleção** 3

**Comissão editorial da coleção** Ana Bonifácio, Ana Estevens,  
Ezequiel Correia, Francisco Roque de Oliveira, Sandra Oliveira

**Fotografias** Fototeca do Centro de Estudos Geográficos, IGOT-Universidade de Lisboa

**Apoio à pesquisa e catalogação** Sandra Domingues

**Digitalização, pré-impressão e tratamento de fotogramas** Álvaro Barea Julve,  
Filipa Garcez Jardim, João Rodrigues, João Rosado e Telmo Pereira

**Editor** Centro de Estudos Geográficos da Universidade de Lisboa  
Instituto de Geografia e Ordenamento do Território  
Edifício IGOT - Cidade Universitária  
Rua Branca Edmée Marques, 1600-276 Lisboa

**Grafismo e paginação** João Rodrigues

**Capa** João Rodrigues, sobre fotografia de Francisco Tenreiro, 1957,  
*Pescando à linha*. Ilha de São Tomé  
(Fototeca CEG-IGOT-ULisboa FT-1957-II-116)

**Impressão e acabamento** Onda Grafe, Santo Antão do Tojal

**Financiamento** Este trabalho é financiado por fundos nacionais através  
da FCT -Fundação para a Ciência e a Tecnologia, I.P.,  
no âmbito do apoio «Refª UIDB/00295/2020»

© Autores, Centro de Estudos Geográficos da Universidade de Lisboa, 2025

**ISBN** 978-972-636-317-0  
978-972-636-318-7

**Depósito Legal** 551717/25

**DOI** 10.33787/CEG20250002

**Tiragem** 250 exemplares

2025 (versão revista)

**índice**

<b>Francisco Tenreiro, geógrafo:</b>	<b>5</b>
<b>fotografias de trabalho de campo em São Tomé, 1956-1957</b>	
Francisco Roque de Oliveira	

<b><i>caderno fotográfico</i></b>	<b>33</b>
-----------------------------------	-----------



# **Francisco Tenreiro, geógrafo: fotografias de trabalho de campo em São Tomé, 1956-1957**

**Francisco Roque de Oliveira**

Centro de Estudos Geográficos, Laboratório Associado TERRA,

Instituto de Geografia e Ordenamento do Território,

Universidade de Lisboa

Rua Branca Edmée Marques, 1600-276 Lisboa, Portugal

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-5854-8971>

DOI: 10.33787/CEG20250002/1

### **Resumo**

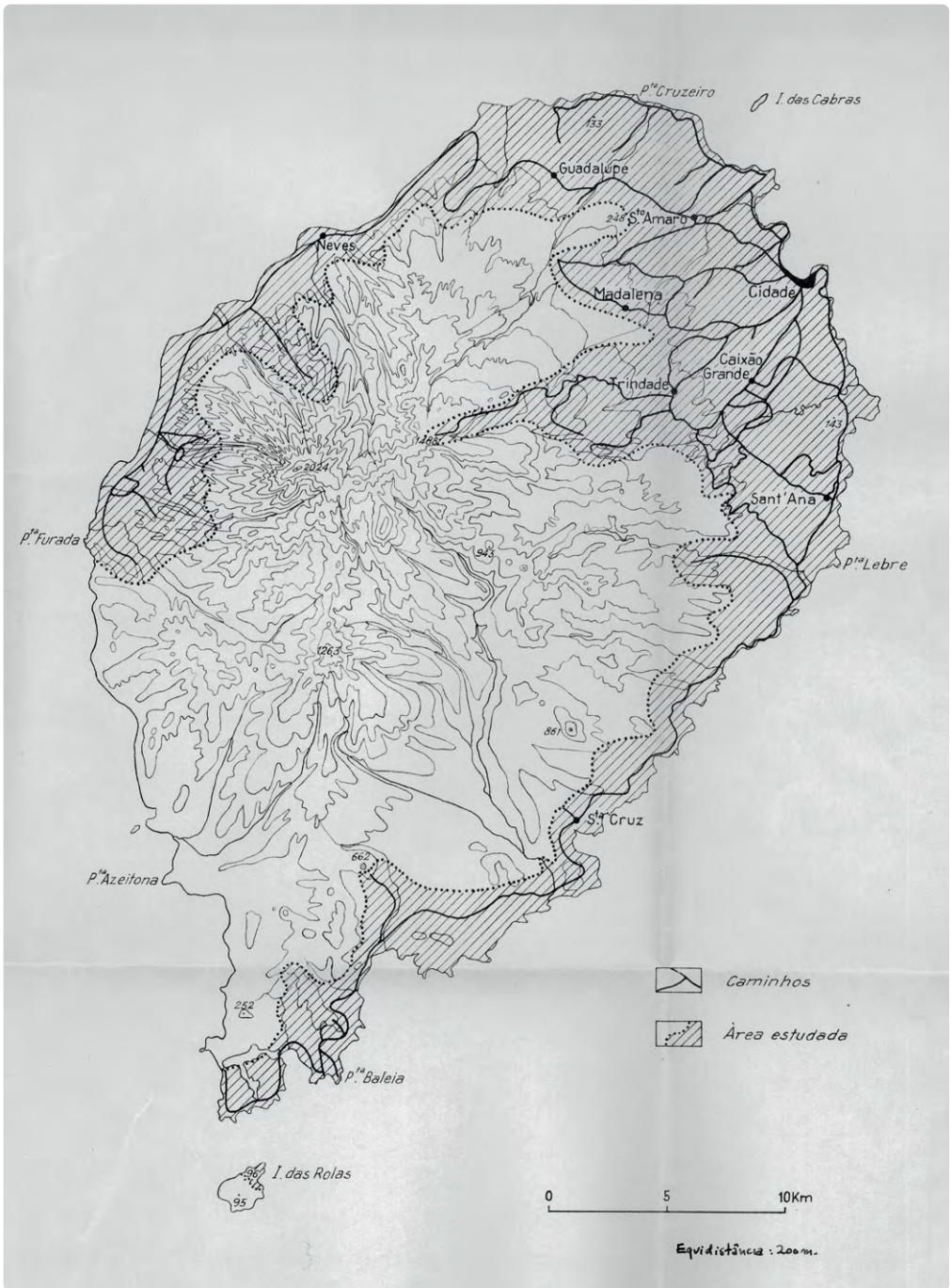
Neste texto, procede-se à contextualização e descrição sumária das fotografias que resultaram do trabalho de campo realizado pelo geógrafo Francisco Tenreiro (1921–1963) na ilha de São Tomé, em 1956 e 1957. Integradas no fundo fotográfico Francisco Tenreiro da Fototeca do Centro de Estudos Geográficos da Universidade de Lisboa, estas fotografias científicas foram utilizadas para a preparação de *A Ilha de São Tomé: estudo geográfico*, correspondente à tese de doutoramento em Geografia que Tenreiro apresentou à Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, em 1961. Esta série de espécies fotográficas constituiu a base da exposição *Francisco Tenreiro, geógrafo*, que esteve patente na Biblioteca Nacional Francisco José Tenreiro de São Tomé e Príncipe, em 2024, e que reproduzimos integralmente neste volume dos *Cadernos da Fototeca*. Concebidas num contexto social, político e científico muito particular, estas evidências visuais do território são-tomense no final do período colonial português abrem novas perspetivas para o estudo do legado científico de Francisco Tenreiro, assim como para as tarefas de reinterpretação e desconstrução que devem visar todos os arquivos coloniais.

### **Palavras-chave**

Francisco Tenreiro; Ilha de São Tomé; História da Geografia; Fotografia científica; Colonialismo português tardio

O presente volume dos *Cadernos da Fototeca* devolve, em formato de livro, a estrutura e o itinerário narrativo da exposição fotográfica *Francisco Tenreiro, geógrafo*, inaugurada na Biblioteca Nacional Francisco José Tenreiro de São Tomé e Príncipe a 20 de janeiro de 2024, para assinalar o 103.<sup>o</sup> aniversário do nascimento de Francisco Tenreiro (São Tomé, 1921–Lisboa, 1963). Organizada pela Fototeca do Centro de Estudos Geográficos da Universidade de Lisboa em colaboração com a Biblioteca Nacional de São Tomé e Príncipe, esta exposição visava contribuir para o reconhecimento, junto de um público alargado, do legado científico no domínio da Geografia desta figura central na afirmação da chamada *negritude* na literatura de expressão portuguesa, e que é hoje reconhecido como um dos nomes maiores da cultura são-tomense (Mata, 2010; Margarido, 2023).

Entre 1956 e 1958, Francisco Tenreiro realizou trabalho de campo no arquipélago de São Tomé e Príncipe, tendo em vista preparar a tese de doutoramento que viria a escrever sobre a ilha de São Tomé. Parte da extensa série de espécies fotográficas que então fez preenchem quase na totalidade o «caderno fotográfico» deste livro, que retoma na íntegra a mostra de 2024. Para a descrição e contextualização sumária destas fotografias recuperaremos os principais passos da biografia de Francisco Tenreiro, com destaque para aqueles que aconteceram a partir de finais da década de 1940, quando integrou o Centro de Estudos Geográficos da Universidade de Lisboa e deu início às investigações que empreenderia sobre a generalidade dos aspetos da geografia humana dos antigos territórios coloniais portugueses da Guiné e – sobretudo – de São Tomé e Príncipe. Como veremos, assumirá particular significado o progressivo envolvimento que Tenreiro concretizou, em representação do Centro de Estudos Geográficos, na dinâmica de internacionalização das ciências sociais portuguesas que decorreu no segundo pós-guerra, articulada pela Junta



Francisco Tenreiro, Mapa dos caminhos percorridos e da área estudada durante o trabalho de campo realizado na ilha de São Tomé em 1956 | © Arquivo CEG-IGOT, ULisboa (Arq./FT/19)

de Investigações do Ultramar e focada na África subsariana. Neste percurso, que cruza história da «geografia tropical» portuguesa e as principais instituições que a enquadraram, as imagens fotográficas emergem como um instrumento que foi particularmente eficaz para a afirmação da disciplina e do ideal de objetividade que esta perseguia. Preservados na Fototeca do Centro de Estudos Geográficos, aplicam-se hoje a estes artefactos os mesmos desafios de investigação e difusão que se colocam a todos os testemunhos que evocam a questão do colonialismo.

### **Tenreiro, entre africanidade e africanistas**

Autor de *Ilha de Nome Santo*, coleção de poemas incluída na coletânea neorrealista coimbrã «Novo Cancioneiro» (1942), o poeta luso-são-tomense Francisco José Vasques Tenreiro organizou, em parceria com o angolano Mário Pinto de Andrade (1928–1990), a antologia *Poesia negra de expressão portuguesa*, publicada pelo Centro de Estudos Africanos, em 1953. Estrutura de reflexão política e afirmação identitária de estudantes e intelectuais africanos instituída em 1951, em Lisboa, por iniciativa de Tenreiro e de Andrade, é sabido que o Centro de Estudos Africanos tinha vínculos estreitos com a Casa dos Estudantes do Império, espaço privilegiado de socialização e recrutamento de alguns dos mais destacados futuros dirigentes dos movimentos independentistas africanos, como Amílcar Cabral (1924–1973), Agostinho Neto (1922–1979) e o próprio Mário Pinto de Andrade (Margarido, 1995; Sanches, 2013; Sousa, 2010; Rosas, 2015; Sanches, 2017; Scaraggi, 2024; Silva, 2024). Se o percurso político de Francisco Tenreiro acabou por divergir do de outras figuras destacadas daquela que Mário Pinto de Andrade apelidou de «geração de Cabral», no sentido em que Tenreiro nunca aderiu publicamente à causa anticolonial e, muito menos, à luta armada contra Portugal, em nenhum momento a sua complexa mensagem poética – que tanto colhe na poesia afro-americana do movimento artístico da *Harlem Renaissance* (1920–1935) como na *negritude* francófona de Léopold Sédar Senghor e Aimé Césaire, por exemplo – se dissociou do sentido social congénito ao movimento da *negritude* e dos temas afins à *africanidade*,

abrindo com isso caminho à criação literária da África pós-colonial (Margarido, 1994 [1963]; Martinho, 1982a, 2023; Gadzekpo, 2010; Padilha, 2016; Teixeira, 2017; Rodrigues, 2018; Ferretti, 2025).

O nome da Biblioteca Nacional de São Tomé e Príncipe confirma-nos o lugar que Francisco Tenreiro hoje ocupa no conceito identitário do novo país africano, onde não raras vezes surge citado como o primeiro intelectual são-tomense da segunda metade do século XX (Mata, 2010; Nascimento, 2011). Para ilustrar o seu bem menos divulgado percurso como cientista social selecionámos um extenso conjunto de fotografias feitas por Tenreiro no decurso de duas das três campanhas de estudo que realizou na ilha de São Tomé entre 1956 e 1958, quando preparava a sua tese de doutoramento em Geografia, sob orientação de Orlando Ribeiro (1911–1997). Trata-se de *A Ilha de São Tomé: estudo geográfico*, que Tenreiro veio a defender na Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, em 1961, com classificação de 19 valores. Este estudo foi publicado nesse mesmo ano pela Junta de Investigações do Ultramar, na sequência da atribuição do Prémio Abílio Lopes do Rego – o prémio anual instituído em 1950 pela Academia das Ciências de Lisboa para distinguir trabalhos inéditos sobre «ciências da colonização e administração colonial» (Tenreiro, 1961a).

Valerá lembrar que outros estudos emblemáticos da então designada «Escola geográfica de Lisboa», organizada em torno de Orlando Ribeiro e do Centro de Estudos Geográficos da Universidade de Lisboa, foram agraciados com o mesmo prémio: *A Ilha do Fogo e as suas erupções* (1954) de Orlando Ribeiro, *Santiago de Cabo Verde: a terra e os homens* (1964) de Ilídio do Amaral (1926–2017) e *A Colonização das Terras Altas da Huíla (Angola): estudo de Geografia Humana* (1976) de Carlos Alberto Medeiros (n. 1942). Poder-se-iam acrescentar a esta lista *Goa e as Praças do Norte* (1966) de Raquel Soeiro de Brito (n. 1925) e a monografia *Luanda: estudo de geografia urbana* (1968) de Ilídio do Amaral, duas obras distinguidas com o Prémio Almirante Gago Coutinho, da Sociedade de Geografia de Lisboa, para certificarmos a estreita ligação que existiu, ao longo das últimas décadas do período colonial, entre a «geografia tropical» portuguesa e o grupo

instituído em torno do Centro de Estudos Geográficos, polo agregador de sucessivas missões de trabalho de campo nos antigos territórios coloniais em África e na Ásia financiadas pela Junta de Investigações do Ultramar, como foi o caso daquelas realizadas por Francisco Tenreiro em São Tomé na segunda metade dos anos 1950 (Amaral, 1979, 1992; Silva, 2022).

O «manual de bem construir o saber social» que veio a ser *A Ilha de São Tomé* (Nascimento, 2011, p. 142) surgiu como corolário de uma breve mas consistente série de pequenos trabalhos consagrados ao arquipélago de São Tomé e Príncipe e que foram iniciados em 1949, quando Francisco Tenreiro apresentou ao XVI Congresso Internacional de Geografia da União Geográfica Internacional as comunicações «Descrição da ilha de São Tomé no século XVI» e «A agricultura na Ilha de S. Tomé: suas relações com as condições geográficas, a colonização e a economia em geral» (Tenreiro, 1952, 1953, 1961b). Tendo começado por frequentar os cursos de Farmácia e Medicina na Faculdade de Ciências de Lisboa, Tenreiro transitara para o Curso Superior Colonial da Escola Superior Colonial (1944-1948), onde foi vogal da Associação Académica e se destacou na organização da *1.ª Semana de Arte Negra*, em 1947 (Martinho, 1982b). Nesse ano, iniciou a sua colaboração com o Centro de Estudos Geográficos, fundado escassos quatro anos antes por Orlando Ribeiro com o patrocínio do Instituto para a Alta Cultura, organismo para a política científica tutelado pelo Ministério da Educação Nacional (Rollo *et al.*, 2012). Integrado no pequeno grupo de colaboradores de Ribeiro por recomendação do geógrafo António de Medeiros Gouveia (1900-1972), seu antigo professor na Escola Superior Colonial, Tenreiro secretariou a organização do XVI Congresso Internacional de Geografia, realizado em Lisboa pelo Centro de Estudos Geográficos (Amaral, 1979; Hamelin, 1996; Medeiros, 2013). Em 1950, matriculou-se no curso de Geografia na Faculdade de Letras de Lisboa «com o fim de poder vir a ser útil ao seu país, no que respeita à Geografia do Ultramar Português» (Tenreiro, 1961b, p. 5). Nesse mesmo ano, ingressou no quadro administrativo do Ministério do Ultramar, onde se manteve até 1955, quando foi contratado como assistente do curso de Geografia da Faculdade de Letras, cabendo-lhe

reger as cadeiras de Etnologia, Geografia Política e Económica e Geografia Colonial (Seibert, 2008; Medeiros, 2013; Oliveira, 2022).

Ao mesmo tempo que o então estudante de Geografia Francisco Tenreiro desenvolveu o seu ativismo cultural e político na Casa dos Estudantes do Império e no Centro de Estudos Africanos, envolveu-se no Centro de Estudos Geográficos numa série de tarefas delegadas por Orlando Ribeiro na sequência do trabalho de campo que este realizara no âmbito da Missão de Geografia da Guiné, instituída pela Junta de Investigações do Ultramar em 1947. Daqui decorreu a elaboração do ensaio *Acerca da casa e do povoamento da Guiné* (1950), que inclui uma série de 25 fotografias de Orlando Ribeiro cujo trabalho de ordenação e classificação coubera a Tenreiro fazer, e de uma *Bibliografia geográfica da Guiné* (1954), para a qual Francisco Tenreiro seguiu o modelo da *Bibliografia Geográfica de Portugal* que o geomorfólogo Mariano Feio (1914–2001) organizara pouco antes no Centro de Estudos Geográficos a partir de diverso material coligido pelo geógrafo alemão Hermann Lautensach (1886–1971) (Lautensach & Feio, 1948; Tenreiro, 1950, 1954, 1961b).

Entre outubro de 1954 e agosto do 1955, Tenreiro frequentou os cursos de especialização em «Geografia da Colonização» na London School of Economics and Political Sciences da Universidade de Londres como bolseiro do British Council, tendo tido Ronald James Harrison-Church (1915-1998) como seu principal orientador. Tenreiro chegara a Londres com o projeto de elaborar um estudo comparativo dos aspetos da geografia cultural e económica da cultura do cacau na ilha de São Tomé, Costa do Ouro (atual Gana) e Nigéria, sendo que os resultados imediatos da sua estada na London School of Economics se acabarão por repartir entre a colaboração que emprestou à *Selected annotated bibliography of tropical Africa* (1955), organizada pelo antropólogo Cyril Daryll Forde (1902-1973) para o International African Institute, e o capítulo «The Portuguese Province of São Tomé and Príncipe: Portugal's plantation isles» integrado no livro *West Africa: a study of the environment and man's use of it* (1957) de Harrison-Church (Tenreiro, 1961b; Amaral, 1979; Oliveira, 2022).

Nesta fase final da sua formação em Geografia dividida entre Lisboa e Londres, Francisco Tenreiro foi formalmente associado à Missão Científica à Ilha de São Tomé, que era chefiada pelo economista Ezequiel de Campos (1874–1965) e que tinha sido instituída pela Junta de Investigações do Ultramar em 1954, no contexto preparatório da 6.<sup>a</sup> sessão da Conferência Internacional de Africanistas Ocidentais (CIAO), marcada para 1955, em São Tomé. Continuam por esclarecer os exatos contornos que conduziram à exclusão de Tenreiro dos trabalhos de campo desta Missão que abarcava múltiplas valências, da Geografia e da Geologia à Etnografia, da Economia e da Sociologia à Botânica (Oliveira, 2022; Viegas, 2024). Ainda assim, tal não o impediria de participar na reunião da CIAO de São Tomé, que acabou por decorrer em 1956, coincidindo com a sua primeira campanha de estudo nessa ilha e na qual apresentou a comunicação «São Tomé e Príncipe: alguns traços geográficos» (Tenreiro, 1961b; Amaral, 1979).

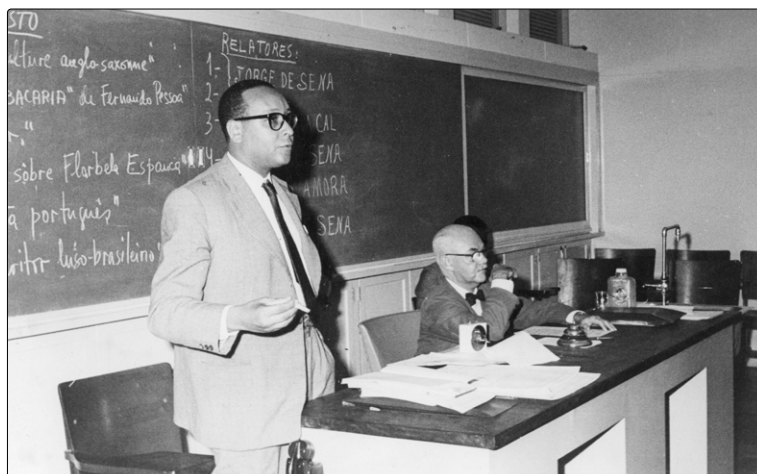
Cerca de três anos depois, aquando da realização da 7.<sup>a</sup> Conferência Internacional de Africanistas Ocidentais, em Acra, Francisco Tenreiro vê firmado o seu nome junto deste organismo criado em meados da década de 1940 por iniciativa do Institut Français de l’Afrique Noire de Dakar e que, desde 1950, passara a funcionar sob a égide da Comissão Técnica na África ao Sul do Sara (CCTA), organização de cooperação científica trans-imperial fundada pelos governos da Bélgica, França, Portugal, Reino Unido, Rodésia do Sul e União da África do Sul (Castelo, 2013; Ágoas & Castelo, 2019; Ágoas, 2024). Ao mesmo tempo que lê na 7.<sup>a</sup> CIAO o trabalho «A floresta e a ocupação humana na ilha de São Tomé», nesse abril de 1959 Tenreiro chega ao Gana investido da representação junto da CIAO do designado Agrupamento Científico de Preparação de Geógrafos para o Ultramar Português – o organismo especializado da Junta de Investigações do Ultramar que Orlando Ribeiro coordenava no Centro de Estudos Geográficos de Lisboa desde o ano anterior e que antecede a criação, em 1960, da Missão de Geografia Física e Humana do Ultramar (MGFHU), que Tenreiro também veio a integrar na qualidade de adjunto do chefe de Missão (Tenreiro, 1961b; Amaral, 1963-1964; Amaral, 1979; Sarmiento, 2022).



Francisco Tenreiro em Londres (junho de 1955).  
Fotografia de Paul Mercier | © Fototeca CEG-IGOT, ULisboa (Arq./FT)

A participação em sucessivas conferências internacionais que Francisco Tenreiro concretizou durante estes anos em que ocorreu, simultaneamente, a preparação do seu doutoramento e o seu primeiro contacto com o território de São Tomé, transformam-no em um dos principais protagonistas do envolvimento do Centro de Estudos Geográficos de Lisboa no projeto de cooperação científica internacional confiado à Junta de Investigações do Ultramar, em particular àquele estabelecido na África subsariana na sequência da Conferência Inter-Africana de Ciências Sociais, realizada pela CCTA em Bukavu, no antigo Congo Belga, em 1955 (Castelo, 2022a, 2022b; Castelo & Ágoas, 2021). Para além da referida participação de Tenreiro nas reuniões da CIAO de São Tomé e de Acra, veja-se, por exemplo, a sua presença nas delegações portuguesas às duas primeiras reuniões da Comissão Económica das Nações Unidas para África (CEA), que decorreram em Adis Abeba, em 1958, e em Tânger, em 1960. Em paralelo, tomou parte na 30.<sup>a</sup> sessão de estudos do Instituto Internacional de Civilizações Diferentes (INCIDI) – que decorreu em Lisboa, em abril de 1956, sobre o tema «Pluralismo étnico e cultural nas sociedades intertropicais» (Lasserre, 1958) –, no XXXIII Congresso Luso-Espanhol para o Progresso das Ciências (Coimbra, 1957), no IV Colóquio Internacional de Estudos Luso-Brasileiros (Salvador, 1959) e no XIX Congresso Internacional de Geografia (Estocolmo, 1960).

Acresce que Tenreiro foi bolseiro de doutoramento do Centro de Estudos Políticos e Sociais (CEPS), organismo da Junta de Investigações do Ultramar em funcionamento nas instalações do Instituto Superior de Estudos Ultramarinos, dirigido pelo cientista político Adriano Moreira (1922–2022). Tal como a MGFHU coordenada por Orlando Ribeiro no Centro de Estudos Geográficos, o CEPS foi um organismo instrumental na promoção da investigação social sobre o ultramar português e na sua internacionalização junto de organismos científicos consagrados ao continente africano como a CCTA e o INCIDI, a organização herdeira do antigo Instituto Colonial Internacional. Prestadas as provas de doutoramento na Faculdade de Letras de Lisboa, Tenreiro transitaria para o CEPS a convite de Adriano Moreira, onde fundou e dirigiu o Grupo de Estudos de Desenvolvimento Comunitário,



Duas imagens de Francisco Tenreiro no IV Colóquio Internacional de Estudos Luso-Brasileiros (Salvador da Bahia, agosto de 1959)  
© Fototeca CEG-IGOT, ULisboa (Arq./FT)

que seria integrado no organigrama da Junta da Investigações do Ultramar como centro de investigação em 1963 (Ribeiro, 1963; Brito, 1966; Ágoas, 2013; Castelo, 2013, 2021; Alexandre, 2023).

Tal como sucede com a maioria dos pequenos trabalhos que Tenreiro foi publicando ao longo destes anos em que preparou o seu doutoramento em Geografia, também as suas intervenções nos colóquios a que apresentou trabalhos, ou nos quais moderou sessões, se dividiram entre temas específicos da geografia e da geografia histórica de São Tomé, que estavam no cerne da sua pesquisa, e a discussão dos termos mais gerais do colonialismo português. Apenas três exemplos disso: a síntese histórico-geográfica sobre as ilhas do golfo da Guiné e o enclave de São João Batista de Ajudá, que Tenreiro escreveu em 1956 para a «Semana do Ultramar» da Sociedade de Geografia de Lisboa por encargo do seu presidente, o antropólogo António Mendes Correia (1888–1960) (Tenreiro, 1956a); a conferência «The aim of Portuguese Colonization», feita no Institute of Commonwealth Studies, de Oxford, em junho de 1959; e, por último, as diferentes reflexões que preparou sobre as vicissitudes históricas e contemporâneas do colonialismo português enquanto relator indigitado para as sessões do Colóquio Luso-Brasileiro de Salvador, em agosto do mesmo ano (Tenreiro, 1961b; Ribeiro, 2010; Oliveira & Sarmiento, 2022). Tendo sido eleito deputado à Assembleia Nacional pelo círculo de São Tomé, em 1957, Francisco Tenreiro acrescentara, entretanto, um nível de complexidade e ambivalência a todo aquele seu discurso não estritamente literário. Em bom rigor, o espaço textual – mas também fotográfico – de *A Ilha de São Tomé: estudo geográfico* constitui o objeto onde esta tensão entre os postulados do inquérito científico em «geografia tropical» e os argumentos do colonialismo tardio foi levada mais longe.

### **Geografia, trabalho de campo e fotografia**

A edição de *A Ilha de São Tomé: estudo geográfico* de Francisco Tenreiro inclui um caderno de «documentação fotográfica» que integra 132 estampas a preto e branco, organizadas de acordo

com uma série de 13 temas, os quais seguem de muito perto a ordem correspondente aos sucessivos capítulos e subcapítulos nos quais se divide esta monografia. Apesar disso, o texto publicado da dissertação de Tenreiro não inclui qualquer menção explícita a este conjunto de fotografias, o que lhes confere uma relativa autonomia dentro do livro, quase como se de um álbum fotográfico se tratasse. A propósito, é curioso observar que as teses de doutoramento em Geografia elaboradas na Faculdade de Letras de Lisboa imediatamente antes e depois da de Francisco Tenreiro – referimo-nos a *A Ilha de São Miguel: estudo geográfico* (1955) de Raquel Soeiro de Brito e à citada *Santiago de Cabo Verde* (1964) de Ilídio do Amaral –, qualquer delas publicada no mesmo ano em que foi defendida, apresentam sempre uma solução distinta para a articulação entre texto e fotografia. Enquanto no trabalho de Soeiro de Brito estes elementos são apresentados de forma intercalada, sendo as imagens dispostas ao longo dos capítulos a que se referem, Amaral opta pela separação entre texto e registo fotográfico, criando também um caderno de «Estampas» no final do volume, mas remetendo sempre para as fotografias pertinentes ao longo da tese, no que difere da solução mais desligada de Tenreiro.

Todas as fotografias incluídas no livro-tese de Francisco Tenreiro têm a respetiva autoria atribuída, sendo a grande maioria do próprio Tenreiro – 123 fotografias, no total. Fora estas, encontramos um conjunto de oito fotografias não datadas de Orlando Ribeiro, mas que sabemos terem sido feitas no decorrer da sua passagem pelo arquipélago de São Tomé e Príncipe em 1951. Finalmente, Tenreiro reproduziu uma fotografia sobre a pesca na ilha cedida pelos Serviços de Estatística de São Tomé, e outra sobre o mesmo tema da autoria do oficial de marinha José Marques Elpídio (1923-2013), à época presidente da Comissão Administrativa da Câmara Municipal de São Tomé, tendo nessa qualidade usado da palavra na sessão inaugural da 6.ª CIAO, em agosto de 1956, precedendo as intervenções de Mendes Correia, em nome da delegação portuguesa, do naturalista Théodore Monod (1902-2000), chefe da delegação francesa, e do governador de São Tomé e Príncipe, o coronel António Pires Barata (1907-1987). Quatro anos depois, o comandante Marques Elpídio publicaria um pequeno estudo

sobre os pescadores de São Tomé, porém sem incluir aí qualquer imagem fotográfica (CSA, 1956; Elpídio, 1956, 1960; Tenreiro, 1961a).

A generalidade das fotografias que Francisco Tenreiro tomou de empréstimo de Orlando Ribeiro correspondem a áreas de São Tomé que aparentemente não conseguira visitar no decurso das três campanhas de trabalho de campo que fez na ilha entre 1956 e 1958, fossem as proximidades dos picos vulcânicos de Cão Grande e Cão Pequeno, fossem algumas das áreas de trabalho no interior das «roças» de acesso mais restrito (Girardo Villamizar *et al.*, 2021). Este empréstimo indicia também o mesmo tipo de aproveitamento que sinalizámos a propósito da publicação do ensaio sobre a casa e o povoamento da Guiné, em 1950, no qual Francisco Tenreiro utilizou um conjunto de fotografias realizadas por Orlando Ribeiro três anos antes e referentes a um território que Tenreiro não tivera a oportunidade de conhecer *de visu*. Ocorreu o mesmo quando Tenreiro, pouco antes de partir para a sua primeira viagem a São Tomé, escreveu para a Sociedade de Geografia de Lisboa *As ilhas de São Tomé e Príncipe e o território de São João Batista de Ajudá*. Neste opúsculo são reproduzidas sete fotografias de São Tomé, cinco das quais de Orlando Ribeiro e as restantes cedidas por António Mendes Correia – uma diretamente e a outra copiada da sua obra *Síntese de África* (Correia, 1949; Tenreiro, 1956). Pouco antes, Mendes Correia incluíra no volume que escrevera sobre as ilhas de Cabo Verde diversas fotografias da erupção do vulcão do Fogo, em 1951, da autoria de Ribeiro (Correia, 1954). Em todos estes casos, no momento da publicação ficava reconhecido o estatuto de autor das fotografias. Por estes exemplos, percebemos ainda que a generalidade das fotografias que se encontravam arquivadas no Centro de Estudos Geográficos servia, desde finais da década de 1940, uma comunidade de investigadores, que depois, ao seleccioná-las para os seus trabalhos, produziam um discurso autónomo em relação àquele que fosse o autor da imagem, ajudando a promover a circulação pública das fotografias integradas neste arquivo (Durand & Mauuarin, 2022; Mauuarin, 2022).

À semelhança do que temos para a generalidade dos geógrafos associados à «geografia tropical» estruturada em torno do

Centro de Estudos Geográficos de Lisboa e à figura tutelar de Orlando Ribeiro, não encontramos nos escritos de Francisco Tenreiro qualquer reflexão teórica ou metodológica sobre o meio fotográfico e as implicações subjetivas do uso da fotografia em contexto de trabalho de campo, fosse este colonial ou não colonial. No Relatório preliminar sobre o estudo realizado na ilha de São Tomé entre agosto e outubro de 1956, endereçado à Junta da Investigações do Ultramar a 1 de abril de 1957, Tenreiro regista de forma lacónica: «Finalmente, como elemento subsidiário de trabalho, tirei cerca de 300 fotografias, que abrangem aspectos morfológicos e humanos da ilha» (Tenreiro, 1956b, p. 9; Oliveira, 2022). Elemento colocado a par do caderno de campo para o registo da investigação realizada no terreno, a fotografia era, assim, sobretudo interpretada como auxiliar de memória no momento de reconstituição das observações de campo ou servia para a ilustração das análises, creditando-se-lhe um efeito de verdade até certo ponto equivalente à «ilusão de transparência» de que os mapas beneficiavam (Maresca, 2007; Labinal, 2019; Hallair, 2019).

Pela mesma ordem de razões, Francisco Tenreiro – de novo, tal como a generalidade dos seus pares geógrafos de Lisboa – não se viu nem deverá ser visto como «fotógrafo»: a fotografia interessa-lhe para a elaboração de uma análise social, mas a imagem fotográfica não constitui, em circunstância alguma, um género expressivo autónomo. Muitas décadas depois, alguns – poucos – contemporâneos de Tenreiro deitarão mão à mesma tipologia de fotografias para sublinharem o seu papel de cientista «de campo» e testemunharem a diversidade de territórios visitados ao longo da sua carreira. Raquel Soeiro de Brito será aqui o caso mais notável, quer quando refunde num único volume, ilustrado com fotografias da sua autoria, uma série de pequenos trabalhos dispersos que fora elaborando sobre espaços não-europeus (Brito, 1997), quer quando compõe um caderno fotográfico que cumpre a função ainda mais explícita de ilustrar a sua extensa biografia científica no livro a que sintomaticamente deu o título *Episódios da vida de uma geógrafa* (Brito, 2017). Noutro sentido, temos a tendência que procede sobretudo da fotografia e do cinema documental, e que redescobre o trabalho fotográfico

dos geógrafos, sublinhando a qualidade estética de muitas das suas imagens, ao mesmo tempo que suscita, por vezes, uma curiosidade crítica sobre esse olhar científico (Maresca, 2007).

Enquadrar-se-ão nesta última categoria de leituras as fotografias de Suzanne Daveau (n. 1925) vistas em retrospectiva como «um desejo de representação do mundo o mais fiel possível» e, em simultâneo, como «imagens-mapa (...) que parecem querer desvincular-se dessa própria condição de registo para se transformarem num muito mais abstrato e polissémico objeto de conhecimento» (Daveau, Belo & Vidigal, 2021, pp. 121-122). A ideia ressoa aqueloutra que fala da «qualidade supra-documental das fotografias que acompanham o texto, os esquemas e os mapas» na obra de Orlando Ribeiro (Gaspar, 1994, p. 16). Ora, em razão da sua morte prematura, Francisco Tenreiro não teve possibilidade de sistematizar a sua própria produção fotográfica, nem de a valorizar – ou ver valorizada – autonomamente, ao contrário do que veio a suceder com Raquel Soeiro de Brito, Suzanne Daveau e Orlando Ribeiro. Pelo mesmo motivo, também não se lhe aplica a capacidade de olhar a fotografia de arquivo a partir dos desafios metodológicos colocados no presente pelas ciências sociais. Estes partem da atenção dada simultaneamente à autoria, ao conteúdo e ao enquadramento institucional, político e científico que envolve a produção de imagens fotográficas, mormente em «situação colonial», de modo a gerirem as armadilhas da neutralidade fotográfica e a enfatizarem a relevância do contexto da sua realização por sobre o simples nome do fotógrafo (Matos, 2014; Sealy, 2019; Oliveira, 2021; Bernet, 2021; Foliard, 2022). Chegados aqui, julgamos ter oferecido as pistas essenciais para entender o lugar das fotografias de Tenreiro precisamente neste processo que em boa medida transcende o seu projeto pessoal de realizar o estudo geográfico de São Tomé.

### **O caderno fotográfico**

Resta sintetizar o método que conduziu à seleção das 76 fotografias integradas na exposição *Francisco Tenreiro, geógrafo*, reproduzidas no «caderno fotográfico» que têm nas mãos de acordo com a

mesma sequência com que estas imagens foram dispostas na Biblioteca Nacional de São Tomé e Príncipe, em janeiro de 2024. Primeiro aspeto: tanto na exposição, como neste livro respeitaram-se os principais blocos temáticos que enquadraram a apresentação do anexo de documentação fotográfica que ilustra *A Ilha de São Tomé: estudo geográfico*. Para facilitar a leitura destas imagens e o seu ajuste às características físicas do espaço reservado para a exposição, as fotografias foram distribuídas de acordo com seis tópicos principais, que não apenas seguiram de muito perto o sentido narrativo correspondente à disposição original das imagens na dissertação de Tenreiro, como os termos da sua própria classificação temática: (1) «As formas e os materiais do relevo. A vegetação» (Figs. 1-10); (2) «Casas e povoados» (Figs. 11-18); (3) «A pesca e o gado» (Figs. 19-28); (4) «As gentes, o trabalho e a cidade» (Figs. 29-52); (5) «As roças e as plantações» (Figs. 53-62 e 67-76); (6) «Indústria e exportação» (Figs. 63-66).

Segundo ponto: ainda que a grande maioria das fotografias selecionadas provenha do trabalho publicado em 1961, alternou-se pontualmente a sua apresentação com algumas imagens pertencentes aos filmes originais de Francisco Tenreiro entretanto identificadas no espólio da Fototeca do Centro de Estudos Geográficos no decurso das tarefas paralelas à execução da exposição de São Tomé e que visaram a recuperação integral do fundo fotográfico Francisco Tenreiro depositado neste arquivo de ciência (Oliveira & Domingues, 2024). Esta sobreposição entre fotografias já publicadas e fotografias inéditas estendeu-se ao aproveitamento de um conjunto de diapositivos realizador por Tenreiro no decurso do seu trabalho de campo em São Tomé e que se encontravam na posse dos herdeiros de Francisco Tenreiro. Integrado na coleção do Centro de Estudos Geográficos nesta mesma oportunidade, este espólio particular de diapositivos ajuda a confirmar uma prática corrente na época, que consistia em duplicar os registos fotográficos a preto e branco para posterior aproveitamento das imagens a cores em sala de aula, em conferências ou, simplesmente, em contexto privado (Oliveira, 2019). Finalmente, entre as 76 imagens escolhidas incluem-se uma fotografia de Orlando Ribeiro, de 1951, e outra

de Raquel Soeiro de Brito, de 1967. Estas imagens sinalizam o interesse que este território insular mereceu por parte dos principais geógrafos portugueses contemporâneos de Tenreiro, e que se prolongou por cerca de duas décadas. A perspetiva elevada que Francisco Tenreiro e Raquel Soeiro de Brito repetem para oferecer o enquadramento da roça Porto Alegre, justapondo uma panorâmica abrangente sobre o conjunto de formas visíveis da paisagem, incluindo as implantações humanas, ilustra ainda a obediência tácita a um «manual de observação» usado pelos cientistas formados na mesma escola geográfica, que partilhavam métodos de trabalho e interesses de investigação aprendidos em conjunto (Hallair, 2017; Mendibil, 2019; Oliveira, 2024).

A última nota diz respeito àquela que será a primeira marca distintiva do legado de Francisco Tenreiro no domínio da Geografia e que este conjunto de fotografias sintetiza na sua dimensão mais visual. Pensamos na prática de uma ciência que está «nas margens da Geografia Humana», para utilizarmos de empréstimo a expressão feliz de Carlos Alberto Medeiros, que viu bem quanto *A Ilha de São Tomé* de Tenreiro tem mais de ensaio de Geografia Humana, com incursões extensas e desinibidas pelos terrenos da Sociologia e da Etnografia, e menos de uma monografia regional «clássica», que respeitasse a engenharia das monografias da «Escola francesa de Geografia» longamente replicadas a partir do modelo instituído no início do século XX por Paul Vidal de La Blache (Lages, 1987; Medeiros, 1996; Robic, 2006). Daí a imensa desproporção de fotografias respeitantes a atividades humanas face a um número muito reduzido de imagens que relevam da Geografia Física, designadamente sobre aspetos geológicos e geomorfológicos. Privilegiando o conjunto de elementos que sinalizavam as relações entre os grupos humanos e o seu ambiente, Francisco Tenreiro prefere focar a sua objetiva nas atividades, nas implantações e nos grupos humanos, fixando tipos de habitação, formas de cultivo, instrumentos de trabalho e, mesmo, objetos isolados, ao modo dos etnólogos. Ainda assim, também aqui se reconhecerá que nas fotografias de Tenreiro nunca o grupo humano aparece desconetado do seu meio. Deste modo, salvaguardava-se mais uma das premissas essenciais do inquérito geográfico «clássico»,

que visava decifrar as inter-relações entre uma coletividade e o seu ambiente natural, inquirido esse que a «geografia tropical» portuguesa fez seu (Solotareff, 1996; Hallair, 2017, 2019).

Passados quase 70 anos sobre a altura em que estas fotografias foram feitas por Francisco Tenreiro, devemos à Biblioteca Nacional de São Tomé e Príncipe terem-se reunido as condições necessárias para que as mesmas fossem confrontadas pelo olhar de quem hoje habita os mesmos espaços de São Tomé fotografados por Tenreiro. Por força do tempo, a maioria dos visitantes que puderam percorrer a exposição que originou este livro não tem já a memória direta do ambiente social e político que subjaz à generalidade destas imagens. Propositadamente, esta visualização, em contexto pós-colonial, de um fragmento do património científico legado por Tenreiro poucas explicações teve a acompanhá-la para além das legendas das fotografias, nas quais respeitámos o enunciado do livro de Tenreiro, assim como as notas manuscritas deixadas pelo próprio geógrafo quando as catalogou no Centro de Estudos Geográficos da Universidade de Lisboa, depois de regressar de São Tomé. Ao confiarmos à fotografia o papel de protagonista, sabemos que executámos esta tarefa de divulgação sugerindo apenas uma entre todas as leituras possíveis sobre aquele que foi o principal trabalho de Francisco Tenreiro no domínio da Geografia. A partir daqui, cabe a quem viu ou vier a ver esta série de fotografias – e, desde logo, a quem as vir desde dentro das comunidades pós-coloniais – construir os termos da sua receção, ajustá-las à sua memória e, idealmente, pensar sentidos para novos usos.

### **Agradecimentos**

A organização da exposição fotográfica que está na origem deste livro não teria sido possível sem o empenho das equipas da Fototeca do CEG, da Biblioteca Nacional Francisco José Tenreiro de São Tomé e Príncipe e do Gabinete de Comunicação do IGOT, às quais agradeço penhoradamente: Ana Bonifácio, Álvaro Barea Julve, Filipa Garcez Jardim, João Rodrigues, João Rosado, Maria João Raimundo, Sandra Domingues e Telmo Pereira, em Lisboa; Adérito Silva, Alda Brito, Elisabete D'Assunção, Idalécia Amorim, Idalina Sacramento, Maria Pedro, Marisa Soares, Marlene José, Olímpio Semedo, Sónia Gizela Viana e Welvadina Bexigas, em São Tomé. Reitero o agradecimento então feito à Família de Francisco Tenreiro, pela cedência do espólio fotográfico inédito na sua posse – e, entretanto, integrado na Fototeca do CEG –, do qual provêm oito dos diapositivos incluídos no «caderno fotográfico» e as imagens que acompanham este estudo introdutório. É também devido um agradecimento ao Arquivo Histórico Parlamentar da Assembleia da República de Portugal, pelo acesso aos principais documentos relativos a Francisco Tenreiro à guarda deste arquivo, e à Embaixada de São Tomé e Príncipe em Lisboa, que garantiu o transporte da exposição inaugurada em São Tomé, em 2024.

## Bibliografia

Ágoas, F. (2024). Comissão de Cooperação Técnica na África ao Sul do Saara (CCTA). In *Connecting Portuguese History: Digital Dictionary of the Modern World*. <https://connectingportuguesehistory.org/omeka/items/show/24>

Ágoas, F., & Castelo, C. (2019). Ciências Sociais, Diplomacia e Colonialismo tardio: a participação portuguesa na Comissão de Cooperação Técnica na África ao Sul do Saara (CCTA). *Estudos Históricos*, 32(67). <http://dx.doi.org/10.1590/S2178-14942019000200005>

Alexandre, V. (2023). *No fio da navalha: Portugal e a defesa do império (1961: Abril a Novembro)*. Lisboa: Temas e Debates.

Amaral, I. do (1963-1964). Francisco Tenreiro (1921-1963). *Boletim do Centro de Estudos Geográficos*, 3(20-21), 5-12.

Amaral, I. do (1964). *Santiago de Cabo Verde: a terra e os homens*. Lisboa: Junta de Investigações do Ultramar.

Amaral, I. do (1979). *A "Escola geográfica de Lisboa" e a sua contribuição para o conhecimento geográfico das Regiões Tropicais*. Lisboa: Centro de Estudos Geográficos.

Amaral, I. do (1992). Contribuição dos geógrafos portugueses para o conhecimento científico das regiões tropicais. In *História e desenvolvimento da ciência em Portugal no século XX* (Vol. 3, pp. 1609-1628). Lisboa: Academia das Ciências de Lisboa.

Bernet, M. M. (2021). *Enjeux politiques de la représentation visuelle coloniale en contexte de crises politiques : le cas de la photographie britannique en Inde (1857-1878)*. [Mémoire présenté comme exigence partielle de la Maîtrise en Science Politique, Université du Québec à Montréal]. UQUAM <https://archipel.uqam.ca/15627/>

Brito, R. S. de (1955). *A Ilha de São Miguel: estudo geográfico*. Lisboa: Centro de Estudos Geográficos

Brito, R. S. de (1966). Francisco Tenreiro. *Estudos Políticos e Sociais*, 4(1), 60-79.

Brito, R. S. de (1997). *No trilho dos descobrimentos: estudos geográficos*. Lisboa: Comissão Nacional para as Comemorações dos Descobrimientos Portugueses.

Brito, R. S. de (2017). *Geografia e geógrafos: episódios da vida de uma geógrafa*. [Lisboa]: Associação Portuguesa de Geógrafos.

Castelo, C. (2013). Ciência, Estado e desenvolvimento no colonialismo português tardio. In M. B. Jerónimo (org.), *O império colonial em questão (sécs. XIX e XX): poderes, saberes e instituições* (pp. 349-387). Lisboa: Edições 70.

Castelo, C. (2021). Ciência de «saber durar»? Missões científicas e

- desenvolvimento no império português tardio. In M. P. Diogo, C. Luís, & L. Sousa (coord.), *Ciência, Tecnologia e Medicina na Construção de Portugal: Vol. 4. Inovação e contestação – séc. XX* (pp. 457-483). Lisboa: Tinta-da-china.
- Castelo, C. (2022a). Introdução. Desenvolvimento, cooperação e ciência na era da descolonização. In J. Sarmiento, *Orlando Ribeiro – Cadernos de campo, Angola 1960-1969* (pp. 11-20). Vila Nova de Famalicão: Edições Húmus.
- Castelo, C. (2022b). Recherche et développement dans les colonies portugaises d'Afrique : l'impulsion de la coopération scientifique interimpériale (1950-1962). *Revue d'Histoire Contemporaine de l'Afrique*, 3, 35-48. <https://doi.org/10.51185/journals/rhca.2022.0303>
- Castelo, C., & Ágoas, F. (2021). Inter-African cooperation in the social sciences in the era of decolonization: A case of science diplomacy. *Centaurus*, 63(1), 67-83. <https://doi.org/10.1111/1600-0498.12357>
- Correia, A. M. (1949). *Ultramar Português. Vol. 1. Síntese de África*. Lisboa: Agência Geral das Colónias.
- Correia, A. M. (1954). *Ultramar Português. Vol. 2. Ilhas de Cabo Verde*. Lisboa: Agência Geral do Ultramar.
- CSA – Conselho Científico para a África ao Sul do Sara (1956). *Conferência Internacional dos Africanistas Ocidentais. 6.ª sessão, São Tomé: Vol. 1. Relatório Geral*. São Tomé: Comissão de Cooperação Técnica na África ao Sul do Sara.
- Daveau, S., Belo, D., & Vidigal, M. (2021). *Atlas Suzanne Daveau*. Lisboa: Museu da Paisagem.
- Durand, M., & Mauuarin, A. (2022). Le chercheur-photographe et ses images de terrain. *Photographica*, 4, 98-117. <https://doi.org/10.54390/photographica.786>
- Elpídio, J. M. (1956). Discurso do Presidente da Comissão Administrativa da Câmara Municipal de S. Tomé, Comandante José Marques Epidio. In CSA – Conselho Científico para a África ao Sul do Sara, *Conferência Internacional dos Africanistas Ocidentais. 6.ª sessão, São Tomé: Vol. 1. Relatório Geral* (pp. 23-24). São Tomé: Comissão de Cooperação Técnica na África ao Sul do Sara.
- Elpídio, J. M. (1960). *Os pescadores de São Tomé*. Lisboa: [Gabinete de Estudos das Pescas].
- Ferretti, F. (2025). Geopoetics of distance: The anticolonial geographies of Lusophone diasporic Negritude. *Geoforum*, 163. <https://doi.org/10.1016/j.geoforum.2025.104317>
- Foliard, D. (2022). *The violence of colonial photography*. Manchester: Manchester University Press.
- Gadzekpo, J. R. A. (2010). Francisco José Tenreiro: a dimensão espaço-temporal de uma poética negritudinista. In I. Mata (org.), *Francisco José Tenreiro: as*

*múltiplas faces de um intelectual* (pp. 189-203). Lisboa: Edições Colibri.

Gaspar, J. (1994). Orlando Ribeiro. Itinerâncias de um geógrafo. In O. Ribeiro, *Finisterra* (pp. 5-15). Coimbra: Encontros de Fotografia de Coimbra.

Giraldo Villamizar, C., Ceola, F., González Arango, N., & Oliveira, F. R. de (2021). Memórias fotográficas: uma entrevista com Raquel Soeiro de Brito. In F. R. de Oliveira (coord.), *Memórias fotográficas: uma entrevista com Raquel Soeiro de Brito. Cadernos da Fototeca, 1* (pp. 15-120). Lisboa: Centro de Estudos Geográficos da Universidade de Lisboa. <https://doi.org/10.33787/CEG20210003-2>

Hallair, G. (2017). Le terrain dans les carnets et les photographies des géographes français et allemands (fin XIXe – mi XXe siècle). In J.-L. Georget, G. Hallair, & B. Tschofen (dir.), *Saisir le terrain ou l'invention des sciences empiriques en France et en Allemagne* (pp. 89-112). Lille: Presses universitaires du Septentrion.

Hallair, G. (2019). La photographie, un nouvel outil pour les géographes. In V. Perlès, & M. Demurger (dir.), *Les Archives de la Planète* (pp. 140-147). Paris: LIENART éditions.

Hamelin, L.-E. (1996). L'internationalité de l'UGI au milieu du XXe siècle. In M.-C. Robic, A.-M. Briend, & M. Rössler (dir.), *Géographes face au monde. L'Union Géographique Internationale et les congrès internationaux de géographie* (pp. 283-285). Paris: L'Harmattan.

Labinal, G. (2019). Géographie et iconographie. In P. Clerc (dir.), *Géographies. Épistémologie et histoire des savoirs sur l'espace* (pp. 132-137). Paris: Armand Colin.

Lages, M. (1987). Dimensões sociológicas na obra de Francisco Tenreiro. *Povos e Culturas, 2*, 753-764. <https://doi.org/10.34632/povoseculturas.1987.15728>

Lasserre, G. (1958). *Pluralisme ethnique et culturel dans les sociétés intertropicales*, 1957, publication de l'Institut international des civilisations différentes (I.N.C.I.D.I.). *Cahiers d'outre-mer, 44*, 431. [www.persee.fr/doc/caoum\\_0373-5834\\_1958\\_num\\_11\\_44\\_3914\\_t1\\_0431\\_0000\\_1](http://www.persee.fr/doc/caoum_0373-5834_1958_num_11_44_3914_t1_0431_0000_1)

Lautensach, H., & Feio, M. (1948). *Bibliografia Geográfica de Portugal*. Lisboa: Centro de Estudos Geográficos.

Maresca, S. (2007). Photographes et ethnologues. *Ethnologie française, 37*(1), 61-67. <https://doi.org/10.3917/ethn.071.0061>

Margarido, A. 1994 [1963]. Prefácio [a *Poetas de S. Tomé e Príncipe*]. In A. Freudenthal, R. Magalhães, H. Pedro, & C. V. Pereira (org.), *Antologia de poesia da Casa dos Estudantes do Império (1951-1963): Vol. 1. Angola – S. Tomé e Príncipe* (pp. 259-290). Lisboa: Associação Casa dos Estudantes do Império.

Margarido, A. (1995). Projectos e limites da CEI. *Discursos: estudos de cultura e língua portuguesa, 9*, 155-162. <http://hdl.handle.net/10400.2/4334>

Margarido, A. (2023). *Ensaios escolhidos: Vol. 1. Colonialismo, resistência, independência*. Coimbra: Edições 70.

- Martinho, F. J. B. (1982a). Prefácio. In F. Tenreiro, *Coração em África* (pp. 15-40). Linda-a-Velha: África Editora.
- Martinho, F. J. B. (1982b). Nota bibliográfica de Francisco José Tenreiro. In F. Tenreiro, *Coração em África* (pp. 145-148). Linda-a-Velha: África Editora.
- Mata, I. (2010). Francisco José Tenreiro; entre as liminaridades do exílio e a identidade insular. In I. Mata (org.), *Francisco José Tenreiro: as múltiplas faces de um intelectual* (pp. 305-324). Lisboa: Edições Colibri.
- Matos, P. F. de (2014). A fotografia na obra de Mendes Correia (1888-1960): modos de representar, diferenciar e classificar da “antropologia colonial”. In F. L. Vicente (org.), *O império da visão: fotografia no contexto colonial português (1860-1960)* (pp. 45-66). Edições 70.
- Mauuarin, A. (2022). *À l'épreuve des images. Photographie et ethnologie en France (1930-1950)*. Strasbourg : Presses Universitaires de Strasbourg.
- Medeiros, C. A. (1996). Nas margens da geografia humana: um olhar sobre a obra de Francisco Tenreiro. *Inforgeo*, 11, 177-180.
- Medeiros, C. A. (2013). Geografia. In S. C. Matos, & J. R. do Ó (eds.), *A Universidade de Lisboa nos Séculos XIX e XX* (Vol. 1, pp. 956-981). Lisboa: Edições Tinta-da-china.
- Mendibil, D. (2019). À la recherche de l'effet Brunhes. In V. Perlès, & M. Demurger (dir.), *Les Archives de la Planète* (pp. 130-137). Paris: LIENART éditions.
- Nascimento, A. (2011). Francisco Tenreiro, um paradoxal mas sugestivo legado para São Tomé e Príncipe. *Colóquio Letras*, 178, 134-145.
- Oliveira, F. R. de (2019). El México de Orlando Ribeiro: cuaderno de campo, fotografías y textos relativos a la Conferencia Regional Latinoamericana de la Unión Geográfica Internacional. *Investigaciones Geográficas*, 0(100). <https://doi.org/10.14350/rig.60018>
- Oliveira, F. R. de (2022). Geografia e colonialismo português no equador: o relatório da primeira campanha de estudo de Francisco Tenreiro em São Tomé (1956) e o seu contexto institucional e político. *Terra Brasilis*, 17. <https://doi.org/10.4000/terrabrasilis.10766>
- Oliveira, F. R. de (2024). Francisco Tenreiro, geógrafo: Exposição fotográfica. Folha de sala. São Tomé; Lisboa: Biblioteca Nacional Francisco José Tenreiro de São Tomé e Príncipe; Centro de Estudos Geográficos da Universidade de Lisboa. <https://ceg.igot.ulisboa.pt/sites/default/files/documents/document/2024/20240112stomefolhanovavisualizacao.pdf>
- Oliveira, F. R. de, & Domingues, S. (2024). O fundo fotográfico Francisco Tenreiro do Centro de Estudos Geográficos da Universidade de Lisboa: recuperação, incorporações e possibilidades de reutilização. *Finisterra*, 59(127), e39084. <https://doi.org/10.18055/Finis39084>

- Oliveira, F. R. de, & Sarmiento, J. (2022). Portuguese Geography, tropics and late colonialism. *Terra Brasilis*, 17. <https://doi.org/10.4000/terrabrasilis.10538>
- Oliveira, M. V. de (2021). *À sombra do colonialismo: fotografia, circulação e projeto colonial português (1930-1951)*. São Paulo: Sombra e Voz.
- Padilha, L. C. (2016). A África e as Américas: fluxos e refluxos. In A. S. Ribeiro, & S. Ribeiro (orgs.), *Geometrias da memória: configurações pós-coloniais* (pp. 167-182). Porto: Edições Afrontamento.
- Ribeiro, M. F. M. (2010). Francisco Vasques Tenreiro no IV Colóquio (1959): um intelectual afeito a palavras e a campos disciplinares. In I. Mata (org.), *Francisco José Tenreiro: as múltiplas faces de um intelectual* (pp. 167-182). Lisboa: Edições Colibri.
- Ribeiro, O. (1963). *Francisco Tenreiro (1921-1963)*. *Revista da Faculdade de Letras, sér. 3*(7), 271-275.
- Robic, M.-C. (2006). Une discipline se construit : enjeux, acteurs, positions. In M.-C. Robic (ed.), *Couvrir le monde : un grand XXe siècle de géographie française* (pp. 14-52). Paris: Ministère des Affaires étrangères.
- Rodrigues, I. N. (2018). *Espectros de Batepá: memórias e narrativas do «Massacre de 1953» em São Tomé e Príncipe*. Porto: Edições Afrontamento.
- Rollo, M. F., Queiroz, M. I., Brandão, T., & Salgueiro, A. (2012). *Ciência, cultura e língua em Portugal no século XX: da Junta de Educação Nacional ao Instituto Camões*. Lisboa: Instituto Camões; Imprensa Nacional-Casa da Moeda.
- Rosas, F. (2015). A CEI no contexto da política colonial portuguesa. In M. R. Rosinha, & A. Freudenthal (eds.), *Mensagem. Casa dos Estudantes do Império – Número especial, 1944-1994* (pp. 15-23). Lisboa: UCCLA - União das Cidades Capitais de Língua Portuguesa. [https://issuu.com/uccla/docs/mensagem\\_uccla\\_online](https://issuu.com/uccla/docs/mensagem_uccla_online)
- Sanches, M. R. (2013). Lisboa, capital do império. Trânsitos, afiliações, transnacionalismos. In N. Domingos, & E. Peralta (orgs.), *Cidade e império. Dinâmicas coloniais e reconfigurações pós-coloniais* (pp. 279-318). Lisboa: Edições 70.
- Sanches, M. R. (2017). Para além da memória da Casa dos Estudantes do Império. In C. Castelo, & M. B. Jerónimo (eds.), *Casa dos Estudantes do Império: dinâmicas coloniais, conexões transnacionais* (pp. 197-206). Lisboa: Edições 70.
- Sarmiento, J. (2022). *Orlando Ribeiro – Cadernos de campo, Angola 1960-1969*. Vila Nova de Famalicão: Edições Húmus.
- Scaraggi, E. (2024). Centro de Estudos Africanos. In *Connecting Portuguese History: Digital Dictionary of the Modern World*. <https://connectingportuguesehistory.org/omeka/items/show/22>.
- Sealy, M. (2019). *Decolonising the camera: photography in racial times*. London: Lawrence & Wishart Ltd.

Seibert, G. (2008). A Ilha de São Tomé (1961), de Francisco Tenreiro: uma releitura contextualizada. *Economia e Sociologia*, 85, 69-88.

Silva, D. G. (2022). A geografia das regiões tropicais na produção científica da revista *Finisterra*, 1966-2021: uma análise bibliométrica. *Terra Brasilis*, 17 <https://doi.org/10.4000/terrabrasilis.10673>

Silva, J. M. da (2024). Denúncias do Império: do Movimento Negro à Casa dos Estudantes do Império. In I. C. Henriques (dir.), *Desconstruir o colonialismo, descolonizar o imaginário. O colonialismo português em África: mitos e realidades* (pp. 168-175). Lisboa: Edições Colibri.

Sousa, J. S. de (2010). Amílcar Cabral: um contemporâneo de Francisco José Tenreiro no Portugal dos anos 40 e 50 do século XX. In I. Mata (org.), *Francisco José Tenreiro: as múltiplas faces de um intelectual* (pp. 145-165). Lisboa: Edições Colibri.

Teixeira, V. R. (2017). Ecos do movimento da Negritude nas literaturas africanas de língua portuguesa. *LexCult: revista eletrônica de direito e humanidades*, 1(1), 153-163. doi:10.30749/2594-8261.v1n1p153-163

Tenreiro, F. (1950). *Acerca da casa e do povoamento na Guiné*. Lisboa: Junta de Investigações Coloniais.

Tenreiro, F. (1952). A agricultura de na Ilha de S. Tomé: suas relações com as condições geográficas, a colonização e a economia geral. In Congrès International de Géographie, Lisbonne, 1949, *Comptes Rendus du XVIe Congrès International de Géographie: Vol. 4. Travaux des sections V, VI et VII* (pp. 41-60). Lisbonne: Union Géographie Internationale.

Tenreiro, F. (1953). Descrição da ilha de São Tomé no século XVI. *Garcia de Orta*, 1(2), 219-228.

Tenreiro, F. (1954). Bibliografia geográfica da Guiné. *Garcia de Orta*, 2(1), 97-134.

Tenreiro, F. (1956a). *As ilhas de São Tomé e Príncipe e o território de São João Batista de Ajudá*. Lisboa: Sociedade de Geografia de Lisboa.

Tenreiro, F. (1956b). *Estudo Geográfico da Ilha de São Tomé: Relatório Preliminar*. Fundo Francisco Tenreiro (CEG/Arq./FT/19). Arquivo do Centro de Estudos Geográficos, IGOT, Universidade de Lisboa, Lisboa, Portugal.

Tenreiro, F. (1961a). *A Ilha de São Tomé: estudo geográfico*. Lisboa: Junta de Investigações do Ultramar.

Tenreiro, F. (1961b). *Curriculum Vitae*. Lisboa: F. J. Tenreiro.

Viegas, S. I. A. B. A. (2024). *Mapeando o (des)conhecido: A memória de uma coleção enquanto reflexo da investigação botânica colonial na Universidade do Porto* (Tese de doutoramento, Universidade de Lisboa). Repositório da Universidade de Lisboa. <http://hdl.handle.net/10400.5/101421>



# ***caderno fotográfico***





1 «Torres-de-penedo» e «pães-de-açúcar» no sul da ilha  
Fotografia de Francisco Tenreiro, 1956 (Fototeca CEG-IGOT-ULisboa FT-1956-V-32)



2 Disfunção colunar no basalto (nordeste da ilha)  
Fotografia de Francisco Tenreiro, 1957 (Fototeca CEG-IGOT-ULisboa FT-1957-VIII-18)



3 Aspeto da costa [ocidental] da ilha de São Tomé  
Fotografia de Francisco Tenreiro, 1956 (Fototeca CEG-IGOT-ULisboa FT-1956-V-1289)



4 Disfunção laminar no basalto (nordeste da ilha)  
Fotografia de Francisco Tenreiro, 1957 (Fototeca CEG-IGOT-ULisboa FT-1957-II-115)



5 Trecho do rio Ió Grande durante a gravana  
Fotografia de Francisco Tenreiro, 1956 (Fototeca CEG-IGOT-ULisboa FT-1956-V-14)



Calcário coralífero formado nas águas quentes e mansas do nordeste da ilha.

6 Os naturais aproveitam-no para fabricar cal

Fotografia de Francisco Tenreiro, 1957 (Fototeca CEG-IGOT-ULisboa FT-1957-II-113)



7 Campo em Micoló (norte da ilha). Semeou-se milho por entre coqueiros e palmeiras-do-azeite  
Fotografia de Francisco Tenreiro, 1956 (Fototeca CEG-IGOT-ULisboa FT-1956-X-34)





9 Aspeto da costa ocidental da ilha de São Tomé [perspetiva de Água Izé para o sul]  
Fotografia de Francisco Tenreiro, 1956 (Fototeca CEG-IGOT-ULisboa FT-1956-III-21)



10 Num alarde de vigor, este imbondeiro abatido voltou a reverdecer  
Fotografia de Francisco Tenreiro, 1956 (Fototeca CEG-IGOT-ULisboa FT-1956-III-7)



11 Pequeno dongo construído para uma criança brincar... (Ponta Baleia)  
Fotografia de Francisco Tenreiro, 1956 (Fototeca CEG-IGOT-ULisboa FT-1956-VI-15)



12 Aspeto do interior da aldeia de Ponta Baleia. Casas apinhadas  
Fotografia de Francisco Tenreiro, 1956 (Fototeca CEG-IGOT-ULisboa FT-1956-VI-3)



13 Conjunto de casas na cidade de São Tomé. Casas de madeira muito airosas abertas para os quintés  
Fotografia de Francisco Tenreiro, 1956 (Fototeca CEG-IGOT-ULisboa FT-1956-III-25)



14 Ponta Baleia: casas de angolares no sul da ilha de São Tomé  
Fotografia de Francisco Tenreiro, 1956 (Fototeca CEG-IGOT-ULisboa FT-1956-VI-5)



15 Uma rede – tarrafa – a secar (Ponta Baleia)  
Fotografia de Francisco Tenreiro, 1956 (Fototeca CEG-IGOT-ULisboa FT-1956-VII-3)





17 Aspeto da aldeia de Ponta Baleia. Sob a casa guardam-se os poucos haveres dos pescadores  
Fotografia de Francisco Tenreiro, 1956 (Fototeca CEG-IGOT-ULisboa FT-1956-VII-32)





19 Pescadores forros no nordeste da ilha. Um deles pesca à linha de dentro do dongo. Ao fundo, o ilhéu das cabras. Fotografia de Francisco Tenreiro, 1956 (Fototeca CEG-IGOT-ULisboa FT-1956-II-21)



20 Dando banho ao gado na roça Diogo Nunes. Ao fundo, o ilhéu das cabras.  
Fotografia de Francisco Tenreiro, 1957 (Fototeca CEG-IGOT-ULisboa FT-1957-IV-7)



21 Pescando à linha: o peixe lança-se no coale que o pescador traz à cabeça  
Fotografia de Francisco Tenreiro, 1957 (Fototeca CEG-IGOT-ULisboa FT-1957-II-116)



22 Flutuador ou boia para assinalar a posição da rede  
Fotografia de Francisco Tenreiro, 1956 (Fototeca CEG-IGOT-ULisboa FT-1956-VI-19)



23 Dongo com vela quadrada (nordeste da ilha)  
Fotografia de Francisco Tenreiro, 1956 (Fototeca CEG-IGOT-ULisboa FT-1956-XI-4)



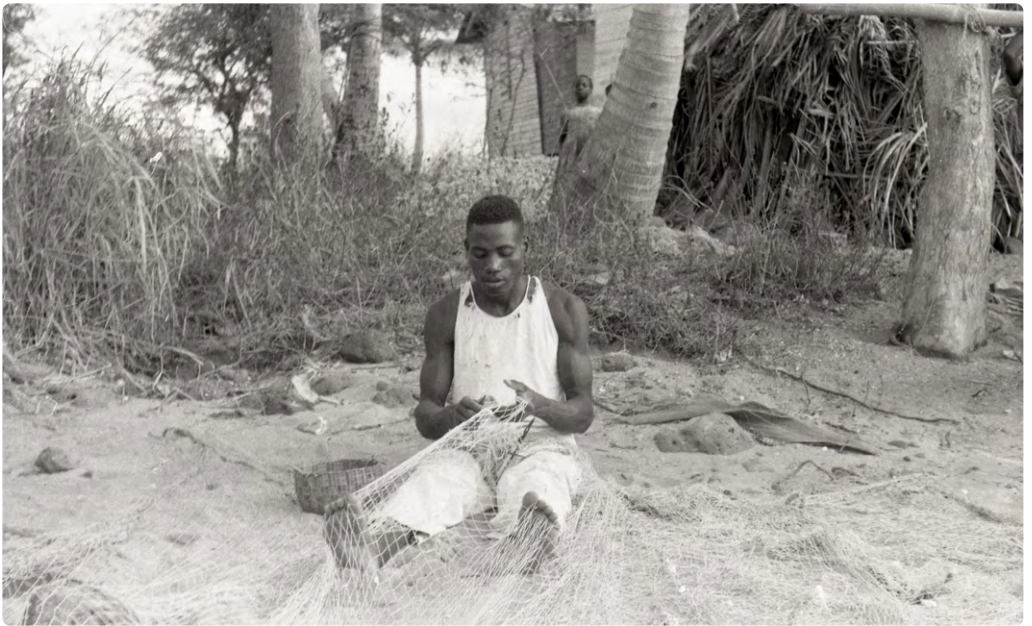
24 Esteira de fibra de andala que as mulheres angolares de Ponta Baleia fabricam e vendem na feira da cidade  
Fotografia de Francisco Tenreiro, 1956 (Fototeca CEG-IGOT-ULisboa FT-1956-VI-4)



25 Pescadores consertando uma rede (Praia Micoló)  
Fotografia de Francisco Tenreiro, 1956 (Fototeca CEG-IGOT-ULisboa FT-1956-X-1)



26 Frota de angolares varada numa pequena praia do sul da ilha  
Fotografia de Francisco Tenreiro, 1956 (Fototeca CEG-IGOT-ULisboa FT-1956-VI-25)



27 Pescador forro consertando a rede (Praia Micoló)  
Fotografia de Francisco Tenreiro, 1956 (Fototeca CEG-IGOT-ULisboa FT-1956-X-17)





29 Cabo-verdianas pilando (Monte Mário)

Fotografia de Francisco Tenreiro, 1956 (Fototeca CEG-IGOT-ULisboa FT-1956-V-01293)





31 Mulheres de pescadores (Praia Cruz)  
Fotografia de Francisco Tenreiro, 1956 (Fototeca CEG-IGOT-ULisboa FT-1956-X-5)





33 Mulheres angolares transportam à cabeça, em coales ou em modernos  
panelões de alumínio, a comida para os pescadores  
Fotografia de Francisco Tenreiro, 1956 (Fototeca CEG-IGOT-ULisboa FT-1956-VII-11)



34 Domingo: cabo-verdianos de passeio  
Fotografia de Francisco Tenreiro, 1956 (Fototeca CEG-IGOT-ULisboa FT-1956-IV-22)



35 Domingo: batuque de moçambicanos (Água-Izé)  
Fotografia de Francisco Tenreiro, 1956 (Fototeca CEG-IGOT-ULisboa FT-1956-II-23)



36 As lavadeiras do Água Grande nos arredores da cidade de São Tomé  
Fotografia de Francisco Tenreiro, 1956 (Fototeca CEG-IGOT-ULisboa FT-1956-I-20)



37 [As lavadeiras do Água Grande nos arredores da cidade de São Tomé]  
Fotografia de Francisco Tenreiro, [1957] (Fototeca CEG-IGOT-ULisboa FT-SNcx1-91)





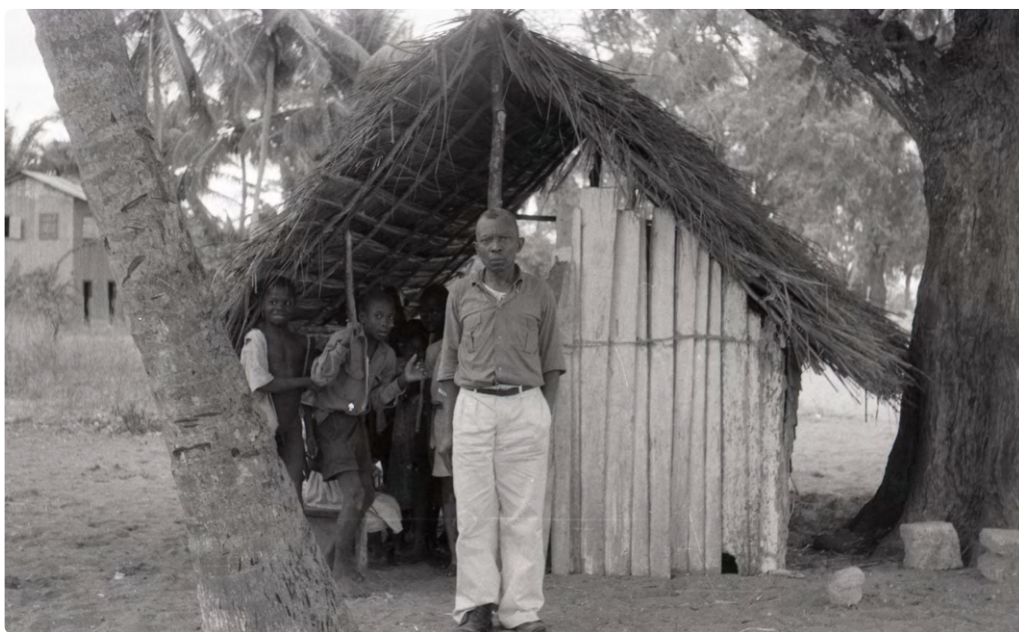
39 Aspeto da «feira» da vila de Guadalupe  
Fotografia de Francisco Tenreiro, 1957 (Fototeca CEG-IGOT-ULisboa FT-1957-VIII-34)



40 Feira (diária) num pequeno povoado do nordeste da ilha  
Fotografia de Francisco Tenreiro, [1957] (Fototeca CEG-IGOT-ULisboa FT-SNcx1-47)



41 Casa de gente abastada, numa vila. Reparar no seu estilo: loja e sobrado, varanda coberta e corrida. A cobertura é de telha  
Fotografia de Francisco Tenreiro, 1957 (Fototeca CEG-IGOT-ULisboa FT-1957-VIII-30)



O chefe da Praia Gamboa. É um natural de São Tomé que, além de exercer fiscalização sobre a atividade dos pescadores, ensina as primeiras letras às crianças da praia. A escola é a pequenina barraca que se vê  
42 Fotografia de Francisco Tenreiro, 1956 (Fototeca CEG-IGOT-ULisboa FT-1956-X-26)



43 Um largo da cidade de São Tomé  
Fotografia de Francisco Tenreiro, 1957 (Fototeca CEG-IGOT-ULisboa FT-1957-I-8)



44 Interior do mercado (feira) de São Tomé  
Fotografia de Francisco Tenreiro, 1957 (Fototeca CEG-IGOT-ULisboa FT-1957-I-16)



45 [Interior do mercado (feira) de São Tomé]  
Fotografia de Francisco Tenreiro, [1957] (Fototeca CEG-IGOT-ULisboa FT-SNcx1-77)



46 Um largo da cidade de São Tomé com uma casa característica da alta do cacau  
Fotografia de Francisco Tenreiro, 1957 (Fototeca CEG-IGOT-ULisboa FT-1957-I-9)



47 Uma avenida e casas novas junto do centro comercial da cidade  
Fotografia de Francisco Tenreiro, 1956 (Fototeca CEG-IGOT-ULisboa FT-1956-IX-17)



48 Fechou a feira e espera-se transporte para as pequenas roças ou quintés  
Fotografia de Francisco Tenreiro, 1957 (Fototeca CEG-IGOT-ULisboa FT-1957-I-13)





49 Aspeto geral da cidade de São Tomé. Ao fundo, o centro comercial e, à esquerda, ao longo da avenida marginal, um bairro residencial  
Fotografia de Francisco Tenreiro, 1956 (Fototeca CEG-IGOT-ULisboa FT-1956-II-36)



50 [Aspeto geral da cidade de São Tomé]  
Fotografia de Francisco Tenreiro, [1957] (Fototeca CEG-IGOT-ULisboa FT-SNcx1-31)



51 Um bairro pobre da periferia da cidade de São Tomé (Riboque)  
Fotografia de Francisco Tenreiro, 1956 (Fototeca CEG-IGOT-ULisboa FT-1956-III-31)





53 Conjunto de instalações de uma roça no litoral nordeste da ilha (fotografia tirada de avião)  
Fotografia de Francisco Tenreiro, 1957 (Fototeca CEG-IGOT-ULisboa FT-1957-III-34)







55 Aspeto de um terreiro: a casa do administrador, à esquerda, e os escritórios [Uba Budo, ant. Buenos Aires]  
Fotografia de Francisco Tenreiro, 1956 (Fototeca CEG-IGOT-ULisboa FT-1956-III-35)



56 [Secadores da roça Agostinho Neto (ant. Rio do Ouro)]  
Fotografia de Francisco Tenreiro, 1957 (Fototeca CEG-IGOT-ULisboa FT-1957-II-142)



57 [Secadores da roça Agostinho Neto (ant. Rio do Ouro)]  
Fotografia de Francisco Tenreiro, [1957] (Fototeca CEG-IGOT-ULisboa FT-SNcx1-85)





59 Mulheres no trabalho da «escolha»  
Fotografia de Orlando Ribeiro, [1951] (Fototeca CEG-IGOT-ULisboa F3910)



60 Sanzala numa roça modernizada [Uba Budo, ant. Buenos Aires]  
Fotografia de Francisco Tenreiro, 1956 (Fototeca CEG-IGOT-ULisboa FT-1956-III-36)



61 Terreiro [de uma roça], com a sanzala ao fundo (Laranjeiras)  
Fotografia de Francisco Tenreiro, 1956 (Fototeca CEG-IGOT-ULisboa FT-1956-IV-17)



62 [Aspeto parcial da roça Agostinho Neto (ant. Rio do Ouro)]  
Fotografia de Francisco Tenreiro, [1957] (Fototeca CEG-IGOT-ULisboa S5904)



63 Perto da Vila das Neves as instalações [abandonadas] para extração de óleo de cachalote  
Fotografia de Francisco Tenreiro, 1957 (Fototeca CEG-IGOT-ULisboa FT-1957-VIII-25)



64 Antiga ponte na roça Água-Izé  
Fotografia de Francisco Tenreiro, 1956 (Fototeca CEG-IGOT-ULisboa FT-1956-II-5)



65 Ponte de embarque de Santa Catarina  
Fotografia de Francisco Tenreiro, 1956 (Fototeca CEG-IGOT-ULisboa FT-1956-VIII-33)



66 Cidade de São Tomé. Ponte da alfândega  
Fotografia de Francisco Tenreiro, 1956 (Fototeca CEG-IGOT-ULisboa FT-1956-I-29)



67 Roça Vila Conceição. Fila de homens salsando o mato  
Fotografia de Francisco Tenreiro, 1956 (Fototeca CEG-IGOT-ULisboa FT-1956-V-26)



68 Pescador angolares regressa da faina. Este é o Sr. Penetra, chefe de Ponta Baleia  
Fotografia de Francisco Tenreiro, 1956 (Fototeca CEG-IGOT-ULisboa FT-1956-VIII-9)



69 Uma derrubada para obter chão para cacau  
Fotografia de Francisco Tenreiro, 1956 (Fototeca CEG-IGOT-ULisboa FT-1956-V-12)





71 Recanto de um terreiro (Santa Catarina)  
Fotografia de Francisco Tenreiro, 1956 (Fototeca CEG-IGOT-ULisboa FT-1956-VIII-19)



72 Casa de administrador [Uba Budo, ant. Buenos Aires]  
Fotografia de Francisco Tenreiro, 1956 (Fototeca CEG-IGOT-ULisboa FT-1956-III-34)



73 Pequeno hospital numa roça (Vila Conceição)  
Fotografia de Francisco Tenreiro, 1956 (Fototeca CEG-IGOT-ULisboa FT-1956-VI-29)





75 Aspeto parcial da roça Porto Alegre

Fotografia de Raquel Soeiro de Brito, 1967 (Fototeca CEG-IGOT-ULisboa S7076)



76 Terreiro antigo: sanzala, armazéns e secadores (Vila Conceição)  
Fotografia de Francisco Tenreiro, 1956 (Fototeca CEG-IGOT-ULisboa FT-1956-VI-20)

Os **Cadernos da Fototeca** destinam-se à divulgação do espólio fotográfico do Centro de Estudos Geográficos da Universidade de Lisboa e ao seu estudo, a partir de olhares diversos, mas atentos à natureza e à relevância das imagens fotográficas como indício histórico.

Material clássico do geógrafo *in situ*, as fotografias resultantes do trabalho de campo e integradas na coleção da Fototeca por sucessivas gerações de investigadores constituíram, desde a sua génese, um instrumento partilhado pela comunidade científica que o concebeu. Trata-se hoje de situar os contextos em que estes registos foram realizados e interpelar criticamente o próprio arquivo.

Este terceiro volume da coleção dos **Cadernos da Fototeca** reúne um conjunto de fotografias obtidas no decurso do trabalho de campo que o geógrafo e poeta luso-são-tomense **Francisco Tenreiro** (1921-1963) realizou na ilha de São Tomé, nos anos de 1956 e 1957. Integradas no

fundo fotográfico Francisco Tenreiro da Fototeca da CEG, estas fotografias foram utilizadas para a preparação de *A Ilha de São Tomé: estudo geográfico*, correspondente à tese de doutoramento em Geografia que Francisco Tenreiro defendeu na Universidade de Lisboa, em 1961.

As fotografias incluídas neste volume reproduzem a seleção de imagens que constituíram a exposição *Francisco Tenreiro, geógrafo*, inaugurada na Biblioteca Nacional Francisco José Tenreiro de São Tomé e Príncipe, em 2024, para assinalar o 103.º aniversário do nascimento de Francisco Tenreiro. Concebidas num contexto social, político e científico muito particular, estas evidências visuais do território são-tomense no final do período colonial português abrem novas perspetivas para o estudo do legado científico deste importante geógrafo, assim como para as tarefas de reinterpretação e desconstrução que devem visar todos os arquivos coloniais.

